

Colegas Autarcas
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Longe não virá o tempo em que a água, por ser um bem escasso essencial à vida, será de tal modo valorizado que os actuais problemas que se colocaram nos últimos tempos com as variações do preço do barril de petróleo, se tornarão uma questão quase acessória. O fundamental será discutir a forma de produzir água, de a tratar para ser consumida, de a levar à casa de todos nós e no fim de a reaproveitar por razões não só ambientais mas também de extrema necessidade. A água será valorizada em directa relação de proporcionalidade com a forma como ela for gerida nos próximos anos. Tenhamos consciência que se não houver agora um esforço colectivo para a usar de modo racional, serão as gerações vindouras a pagar a factura do desperdício e da falta de sentido de responsabilidade. É um problema de todos e não apenas de alguns.

Por esse motivo temos de ter, enquanto candidatos a autarcas, um elevado sentido de responsabilidade naquilo com que nos comprometemos, abdicando de fazer uso da demagogia, apenas por facilitismo ou por querermos ser simpáticos com os eleitores. Se há matéria em que é preciso falar claro, a água e tudo o que lhe está relacionado, é uma delas.

No concelho de Tavira temos tido nos últimos anos uma mudança muito substantiva em matéria de saneamento básico e isso tem aumentado a qualidade de vida das pessoas.

Porque não quisemos ficar atrás agarrados a soluções do passado e a modelos que já não dão resposta aos problemas actuais, em que a capacidade de investimento nos sistemas estava limitada entre as necessidades igualmente importantes de construir estradas e caminhos, pontes e escolas, bibliotecas ou equipamentos desportivos, decidiu-se encontrar um parceiro privado, de modo a garantir um modelo de gestão mais racional e economicamente viável. Assim nasceu a Taviraverde, Empresa Municipal que é hoje a estrutura publico-privada que tem vindo a garantir um ritmo de investimentos que de outra forma levaria muito tempo a concretizar ou eventualmente nunca seria uma realidade.

A água, a sua qualidade, o seu consumo e o seu tratamento é algo de grande complexidade, matéria pela qual um autarca deve saber encontrar caminhos com sentido de responsabilidade. É muito fácil prometer às pessoas a redução do preço da água. O que é difícil é esclarecer que a mesma, sendo essencial à vida não pode ser tratada de outra maneira que não seja com responsabilidade. Nós, candidatos a autarcas pelas listas do Partido Social Democrata, devemos ter uma voz homogénea em matéria de política de água, afirmando que sobre este assunto imperará sempre o bom senso e a responsabilidade. Uma coisa é imprimir ao preço da água consumida um factor de natureza social, ajudando quem mais precisa. Outra coisa é cair no facilitismo de fechar os olhos às Leis da Água e das Finanças Locais, apenas porque isso é recebido com simpatia pela população. O que fizermos de errado hoje, serão os nossos filhos a pagar e a sofrer as consequências no futuro.

Por outro lado, a não actualização das tarifas do saneamento básico, nomeadamente a água, implicará uma dupla desigualdade: paga quem não consome por quem o faz e aumenta-se o esforço dos contribuintes através dos seus impostos.

*Por Rui Amaro
Candidato à CM de Tavira*

Sejamos realistas, a prática de tarifas da água muito abaixo dos seu custo real leva a situações de incapacidade de investimento na renovação e alargamento das infra-estruturas necessárias ao abastecimento às populações, uma vez que a fraca receita arrecadada não consegue cobrir mais do que os custos correntes. Isto do ponto de vista financeiro. Vendo as coisas noutra perspectiva, a prática de preços baixos significa o desperdício de um bem escasso que no futuro pode ser mais valorizado do que é hoje o petróleo, esse desperdício é prejudicial ao ambiente, desrespeita o princípio básico do poluidor/pagador, é socialmente injusto uma vez que não atende ao poder de compra do consumidor que tanto paga por consumir como por não o fazer e sobretudo penaliza as gerações vindouras uma vez que vão ter de fazer um esforço muito maior na renovação dos sistemas de abastecimento quando estes entrarem em colapso.

Como é do conhecimento geral, Tavira é um concelho de grande dimensão no plano regional. Com uma área de mais de 600 quilómetros quadrados e uma população de aproximadamente 30.000 habitantes, ainda existe no meu concelho famílias com abastecimento de água precário. Ainda assim, tem sido verdadeiramente notável o esforço de levar a qualidade de vida, porque é disso que se trata, aos aglomerados urbanos de maior densidade populacional no interior, onde ainda existem perspectivas de fixação de pessoas que resistem ao fenómeno da desertificação. Em plena serra de Tavira foram construídos sistemas de rede de abastecimento de água e de esgotos, bem como os respectivos equipamentos para tratamento. Fez-se e continua a fazer-se. Faz-se porque há condições de investimento e perspectivas de futuro, mas sobretudo porque onde existem pessoas, deve haver preocupações no seu bem-estar. É este o nosso papel enquanto autarcas.

Porém, não é possível garantir uma rede eficaz de água tratada em todo o território. Em muitos montes da Serra de Tavira, em locais recônditos mas habitados, é necessário continuar a recorrer à captação subterrânea de água como única solução de garantir esse bem essencial à vida. Esse tem sido o esforço da autarquia e comigo não será diferente.

Sinto a preocupação das pessoas no contacto que tenho com elas quando me falam da dificuldade em ter água nas suas casas. Um autarca responsável não consegue dormir tranquilo sabendo que no seu concelho há dificuldades desta natureza e por isso quero dedicar a esta problemática a minha vontade de minorar o problema.

Esta é a dura realidade das assimetrias entre o litoral e o interior. No litoral os sistemas de abastecimento de água às populações são garantias reais. A tecnologia utilizada é a mais moderna, controla-se o abastecimento, as fugas e outros problemas através de sistemas informáticos e de informação geográfica, a água tem certificação de qualidade e no fim é tratada numa moderna Estação de Tratamento de Águas Residuais onde é devolvida à natureza sem qualquer nocividade. No interior reza-se para que chova, experimentam-se novos locais para captações subterrâneas e desespera-se quando a água não chega em condições normais de uso.

Mas Tavira é também um concelho de agricultura e agricultores. Se na faixa litoral as questões do fornecimento de água estão garantidas através do respectivo perímetro de rega do sotavento algarvio, o mesmo não acontece nalgumas outras partes do concelho, nomeadamente no interior. Aí é preciso manter o esforço e a atenção nas questões do armazenamento de água em barragens.

Hoje no concelho de Tavira existem duas barragens com uma dimensão muito aceitável como são as da Malhada do Peres que serve parte das freguesias de Santa Maria e da Conceição, bem como a da Mealha em Cachopo, pese embora os problemas que a mesma ainda tem.

Mas queremos mais. Ambicionamos que a muito poucos quilómetros da cidade de Tavira seja construída a barragem do Alportel que servirá não só para armazenar água para a agricultura da zona, como também para evitar as sempre temidas cheias na cidade. Precisamos que o Estado tenha em mente a necessidade de construir mais esta barragem no concelho de Tavira, a qual ajudará a tranquilizar os habitantes da zona ribeirinha que muitas vezes ficam intranquilos ao ver o rio subir e transbordar.

Estamos também abertos a outras novas soluções e por isso em Tavira está a ser preparado um ensaio de dessalinização da água do mar, através de um investidor estrangeiro privado que encontrou no meu concelho boas condições para o fazer. De facto em Tavira, água do mar é coisa que não falta. O que falta é encontrar uma solução tecnológica que permita o seu consumo.

Estas são basicamente as questões que importam referir em relação à problemática da água, da qualidade e quantidade do seu abastecimento, da forma como chegamos a ela nalgumas zonas do concelho e como a armazenamos para que a agricultura possa ter condições de continuar a existir.

Temos também a consciência das alterações climáticas que o planeta está a sofrer e verificamos com preocupação os períodos de seca que muito recentemente afectaram a região e deixaram em sobressalto as populações e os seus representantes. Por isso acreditamos que há muito trabalho por fazer entre o Estado e as autarquias, razão pela qual nos colocamos no lado da solução ao serviço da população.

Se os tavirenses confiarem em mim e na minha equipa, serei um Presidente de Câmara interessado nestas questões que são da competência das autarquias, sempre com o objectivo de melhor servir a população.

Este é o nosso compromisso.

Rui Amaro
Lagoa, 27 de Julho de 2009.